

PRODUÇÃO NACIONAL DO COMPLEXO DE CARNES: ATUALIDADES DO SETOR NO BRASIL E REGIÕES

Maria Rayanne Lima de Moraes¹; Amanda Graziely da Silva²; Paula Tarciana Soares de Holanda²; Flávia Izabely Nunes Moreira; Tamires dos Santos Pereira⁴

1-Universidade Federal de Campina Grande, Departamento de Engenharia Química, mraylima@hotmail.com

2-Universidade Federal de Campina Grande, Departamento de Engenharia de Alimentos, amanda.eng.ali@gmail.com, paula-tarciana@hotmail.com

3- Faculdade SENAI da Paraíba, Pós Graduação em Qualidade e Segurança dos Alimentos, flavia_izabely@hotmail.com

4- Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós Graduação em Engenharia de Processos, tsantosp16@gmail.com

Resumo: O Brasil é um dos maiores e mais importantes produtores de carne no mundo, em decorrência de décadas de investimento em tecnologia que elevou tanto a produtividade quanto a qualidade do produto brasileiro, fazendo com que ele se tornasse competitivo e chegasse ao mercado de mais de 150 países. Objetivou-se com o presente estudo fazer uma análise do setor de carnes no Brasil frente as crises econômicas e crise ocorrida no mercado de carnes brasileiro, a partir de dados disponíveis no Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. A metodologia está baseada numa pesquisa bibliográfica e descritiva, para a coleta de dados foi utilizado o Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA e a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais com dados referentes ao quarto trimestre de 2017 que foram divulgados na quarta-feira, 21 de março de 2018, sendo o que se dispõe de mais atual sobre o assunto até o presente momento. No tocante a qualidade da carne, a atividade é cada vez mais estimulada a se atentar às exigências do mercado consumidor, seja pela própria indústria frigorífica, seja pela iniciativa governamental.

Palavras-chave: Carcaças, produção, bovinos, suínos, aves.

Introdução

Denomina-se carnes as partes musculares comestíveis das diferentes espécies de animais de açougue, manipuladas em condições higiênicas e provenientes de animais que ao abate se apresentam em boas condições de saúde, certificados por médico veterinário responsável pelo serviço de inspeção. As carnes frescas ou in natura deverão ser entregues ao consumo conservadas sob refrigeração, sendo avaliada quanto à sua segurança higiênico-sanitária, classificação, presença de conservadores, características físico-químicas, microscópicas, microbiológicas e sensoriais (BRASIL, 2005).

Entende-se por carcaça o animal abatido, sangrado, esfolado, eviscerado, desprovido de cabeça (separada entre os ossos occipital e atlas), patas (seccionadas à altura das articulações carpo-metacarpiana e tarso-metarsiana), rabada, órgãos genitais externos, gordura perirrenal e inguinal, ferida de sangria, medula espinhal, diafragma e seus pilares (lombinho) (MAPA, 2004).

O Brasil é um dos maiores e mais importantes produtores de carne bovina no mundo, em decorrência de décadas de investimento em tecnologia que elevou tanto a produtividade quanto a qualidade do produto brasileiro, fazendo com que ele se tornasse competitivo e chegasse ao mercado de mais de 150 países (EMBRAPA, 2016).

Ainda segundo a Embrapa, em 2015 o país se posicionou com o maior rebanho (209 milhões de cabeças), o segundo maior consumidor (38,6 kg/habitante/ano) e o segundo maior exportador (1,9 milhões toneladas) de carne bovina do mundo, tendo abatido mais de 39 milhões de cabeças. 80% da carne bovina consumida pelos brasileiros é produzida no próprio país - o parque industrial para processamento tem capacidade de abate de quase 200 mil bovinos por dia.

No mercado interno, a crise econômica brasileira reduziu a demanda por carne bovina, cenário que elevou o estoque de carne dentro do país. Em tempos de crise e desemprego em alta, a substituição da carne vermelha por carne de frango e suína fica ainda mais pressionada. A crise ocorrida no mercado de carnes brasileiro em 2017, que teve como princípio a Operação “Carne Fraca, gerou uma grande preocupação no cenário pecuário mundial. Isso porque, se o Brasil deixar de produzir e/ou comercializar carne bovina, o mundo sofrerá um colapso de consumo e de inflação. A crise na pecuária nacional tornou ainda mais evidente que a carne bovina brasileira, além de ser estratégica para a cadeia e para a economia doméstica, é de extrema importância para a segurança alimentar mundial (CARVALHO, 2018).

Há alguns anos, a carne bovina vem dividindo seu espaço com outros tipos de carnes, como as de suínos e aves, acarretando diminuição da margem de lucro na atividade (BRONDANI, et al, 2004).

A carne suína é uma fonte de proteína animal amplamente consumida em todo o mundo, com sabor diferenciado e marcante. Para que a produção seja suficiente para alimentar todos os brasileiros e ainda exportar para todos os continentes, o Brasil conta com uma cadeia produtiva organizada e voltada para a qualidade da carne, sendo o quarto maior produtor e exportador de carne suína do mundo. O desempenho brasileiro é significativo quando comparado com a média mundial e essa trajetória está ancorada em mudanças organizacionais e no contínuo incremento tecnológico (EMBRAPA, 2016).

Segundo a Embrapa, em média, cada brasileiro consome 43 kg de carne frango por ano, in natura e nas mais variadas formas de processamento (inteiro, em pedaços, salsichas, alimentos prontos etc). A carne de frango é um dos

alimentos mais presentes na dieta do brasileiro devido a sua qualidade nutricional, facilidade de preparo, disponibilidade e custo, garantindo a nutrição saudável.

A eficiência dessa cadeia produtiva é que tem permitido ao Brasil ser o terceiro produtor mundial e o primeiro exportador de carne de frangos, atendendo mais de 150 países, devido a qualidade e segurança alimentar da carne brasileira e à eficiência de produção.

Os frangos são aves com crescimento rápido porque são muito eficientes em transformar ração em carne, fruto de décadas de pesquisa e desenvolvimento da ciência avícola no Brasil. A produção de carne de frangos garante ao Brasil o título de segundo maior produtor do mundo e primeiro em exportação. O crescimento das exportações nacionais não somente confirma a maior competitividade de custo como também de qualidade sanitária dos plantéis (EMBRAPA, 2016).

Objetivou-se com o presente estudo fazer uma análise do setor de carnes no Brasil frente as crises econômicas e crise ocorrida no mercado de carnes brasileiro, a partir de dados disponíveis no Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA.

Metodologia

A metodologia está baseada numa pesquisa bibliográfica e descritiva, para a coleta de dados foi utilizado o Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA e a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais com dados referentes ao quarto trimestre de 2017 que foram divulgados na quarta-feira, 21 de março de 2018, sendo o que se dispõe de mais atual sobre o assunto até o presente momento.

A Pesquisa Trimestral do Abate de Animais investiga um cadastro de informantes composto por todos os estabelecimentos que efetuam a atividade de abate de bovinos, suínos ou frangos e estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. O cadastro é atualizado continuamente com dados do Ministério da Agricultura (S.I.F.) e das secretarias estaduais/municipais de agricultura.

Como o abate de animais é, por lei, obrigatoriamente fiscalizado, e todos os estabelecimentos cadastrados são investigados, sem amostragem ou corte, a pesquisa representa o universo do abate formal de bovinos, suínos e frangos do País. O abate informal não é investigado ou estimado, portanto não faz parte da pesquisa.

Os dados são coletados pelas agências do IBGE através de visita aos estabelecimentos e entrevista pessoal, ou por meio eletrônico, sendo

digitados nas agências através de um sistema de informática próprio, onde são armazenados no banco de dados.

A pesquisa sobre abate de animais objetiva assegurar informações estatísticas de natureza conjuntural sobre a quantidade de animais abatidos e o peso total das carcaças, por espécie animal investigada. As informações produzidas são utilizadas por órgãos públicos e privados, para efeito de acompanhamento, planejamento, tomada de decisões, estudos e análises, bem como, constituem-se em elemento integrante das estimativas do Produto Interno Bruto realizado pelo IBGE.

Os dados abordados no presente artigos são referentes ao quarto trimestre de 2017, sendo o que o órgão dispõe de mais atual no segmento.

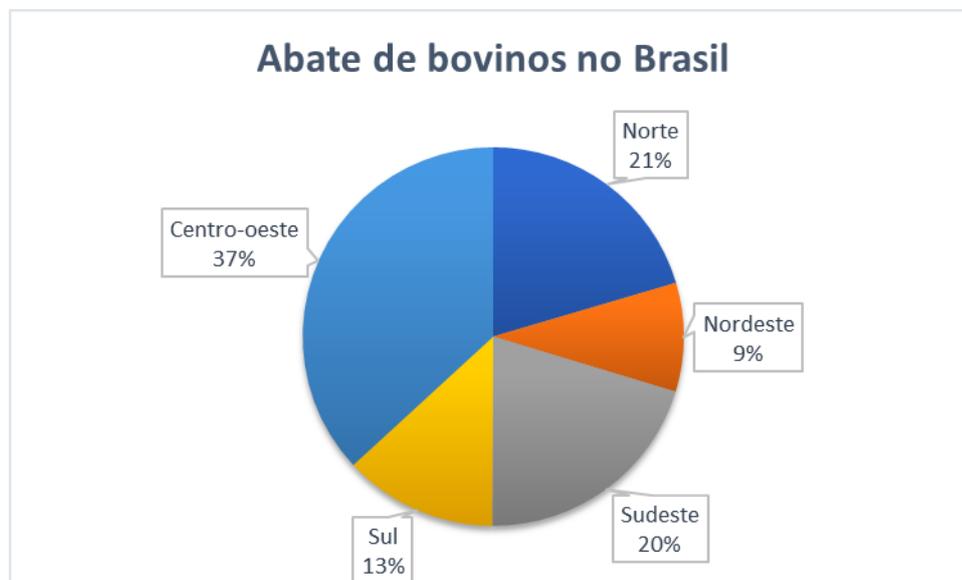
Resultados e Discussão

Segundo a USDA no ano de 2016 o consumo mundial de carne era representado por 22,5% de carne bovina, 34,6% de carne de frango e a grande maioria representada pela carne suína, com uma fatia de 42,9%. Já no Brasil, no mesmo período, o consumo de carne se deu da seguinte forma: 38,6% de carne bovina, 46,8% de carne de frango e apenas 14,5% de carne suína.

O coeficiente de exportações para o complexo de carne bovina foi de 19,2% do montante produzido no país no ano de 2016, para a carne de aves houve exportação de 30,2%, sendo este o valor mais expressivo dentre os considerados e a exportação de carne suína foi equivalente a 18,6% do total produzido no Brasil (DEPEC, 2017).

No quarto trimestre de 2017 foram abatidos 8.058.700 cabeças de bovinos, a distribuição encontra-se na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição do abate de bovinos referente ao quarto trimestre de 2017 por regiões

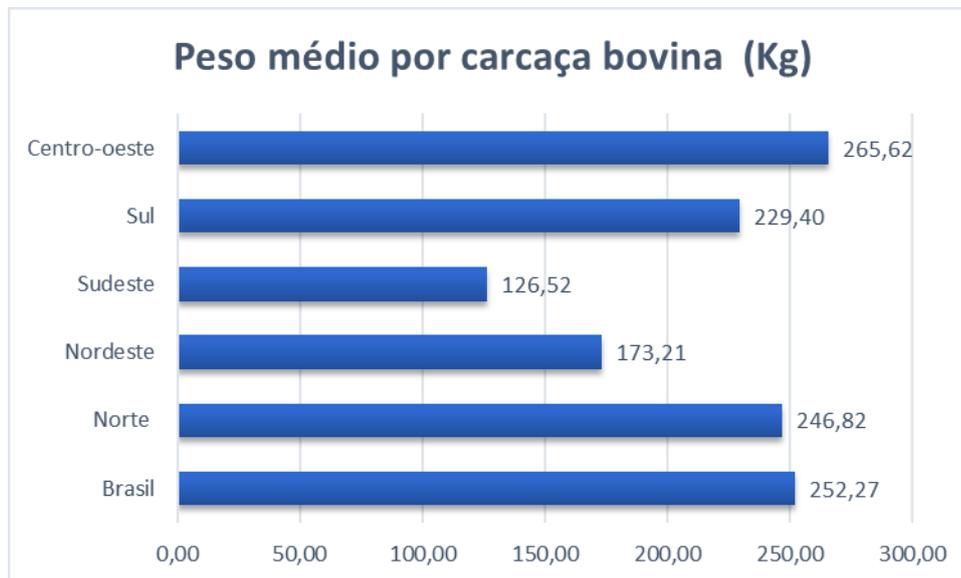


Fonte: SIDRA/IBGE 2018

A região centro-oeste ocupou o primeiro lugar no abate de bovinos no país, seguida pela região Sudeste e Norte, juntas, representam 78% do abate de bovinos no país durante o período estudado, sendo que as condições climáticas e vastas áreas de pastagem são fatores preponderantes para o sucesso da bovinocultura e encontram-se em abundância nas referidas regiões. Já as regiões Sul e Nordeste ocuparam o quarto e quinto lugares, respectivamente, a Sul por ser a menor do país e a Nordeste pela conhecida limitação hídrica.

Além da quantidade, a qualidade dos animais produzidos é de fundamental importância para o crescimento do setor de carnes, a distribuição do peso médio das carcaças no Brasil e regiões encontra-se na Figura 2.

Figura 2 –Peso médio das carcaças bovinas no Brasil e regiões



Fonte: SIDRA/IBGE 2018

Como pode ser observado na Figura 2, a região Centro-oeste encontra-se na melhor colocação quanto ao peso médio das carcaças bovinas, sendo a única região acima da média nacional.

Dados levantados pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP) mostram aumento na produtividade média da pecuária nacional, tanto no sistema de produção extensiva como no de confinamento. No caso da atividade de cria, no início dos anos 2000, 100 vacas ocupavam, em média, 250 hectares e registravam taxa de desmame de 40%, produzindo um bezerro de cerca de 170 quilos. Já em 2017, ainda segundo dados do Cepea, 100 vacas passaram a ocupar menos espaço, de cerca de 150 hectares, e a produzir bezerros mais pesados, com média de 200 a 210 kg. Apesar desse avanço, quando comparados esses índices do sistema de cria com os demais países produtores, nota-se que o Brasil ainda tem um caminho de desafios pela frente, mas de muitas oportunidades (CARVALHO, 2018).

Diversos fatores podem interferir no rendimento de carcaça, como a raça, a alimentação, o peso vivo no momento do abate, a idade, o tempo de jejum e o manejo de transporte.

A alimentação, de acordo com Paulino et al, (2008), é uma ferramenta que traz maior eficiência produtiva e econômica, dentro de cada realidade de produção e, de acordo com o nível tecnológico empregado na exploração pecuária.

Segundo as estatísticas da Embrapa, no ano de 2017 foram produzidas 3,76 milhões de toneladas de carne suína no Brasil, ocupando 4º lugar mundial., sendo 693 mil toneladas exportadas, ocupando também o 4º lugar mundial, com 0,8% de aumento na produção nacional em relação a 2016 e o consumo foi de 14,1 Kg de carne per capita.

No quarto trimestre de 2017 foram abatidos, no Brasil, 11.053.344 cabeças de suínos, a distribuição encontra-se na Figura 3.

Figura 3 – Distribuição do abate de suínos referente ao quarto trimestre de 2017 por regiões

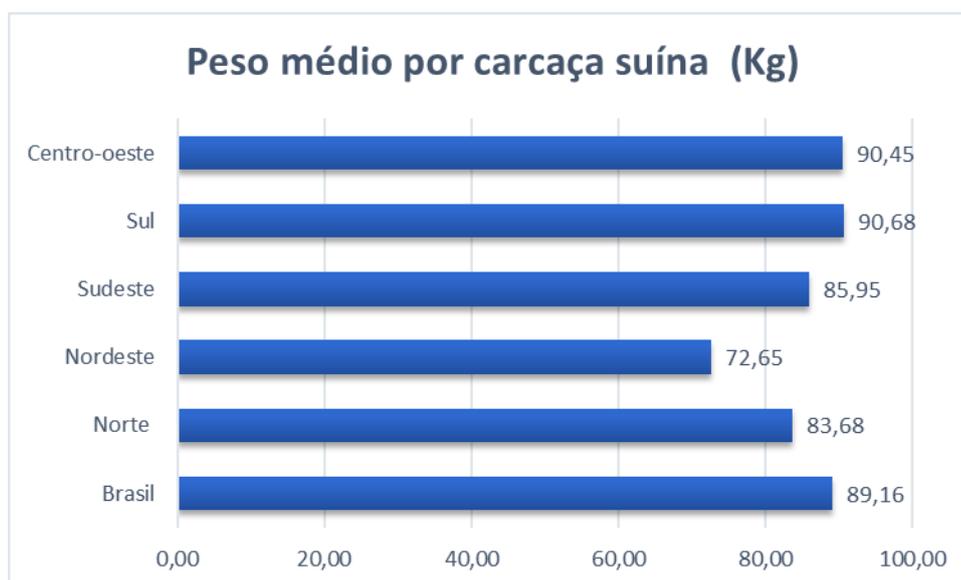


Fonte: SIDRA/IBGE 2018

Coomo pode ser observado na Figura 3, claramente a região Sul domina a produção com 70% da produção de carne suína no País, as piores colocações são da região Norte, com apenas 12.583 cabeças no período de estudo e em penultimo lugar encontra-se a região Nordeste com apenas 1% da produção nacional.

A distribuição do peso médio das carcaças no Brasil e regiões encontra-se na Figura 4.

Figura 4 –Peso médio das carcaças suínas no Brasil e regiões



Fonte: SIDRA/IBGE 2018

De acordo com a Figura 4, as regiões Sul e Centro-oeste apresentam o peso médio das carcaças suínas ficam acima da média nacional, as carcaças mais leves encontram-se na região Nordeste, visto as maiores dificuldades de aquisição de alimentos.

Só no quarto trimestre de 2017 foram abatidos, no Brasil, 1.429.336.687 frangos, a distribuição encontra-se na Figura 5.

Figura 5 – Distribuição do abate de frangos referente ao quarto trimestre de 2017 por regiões

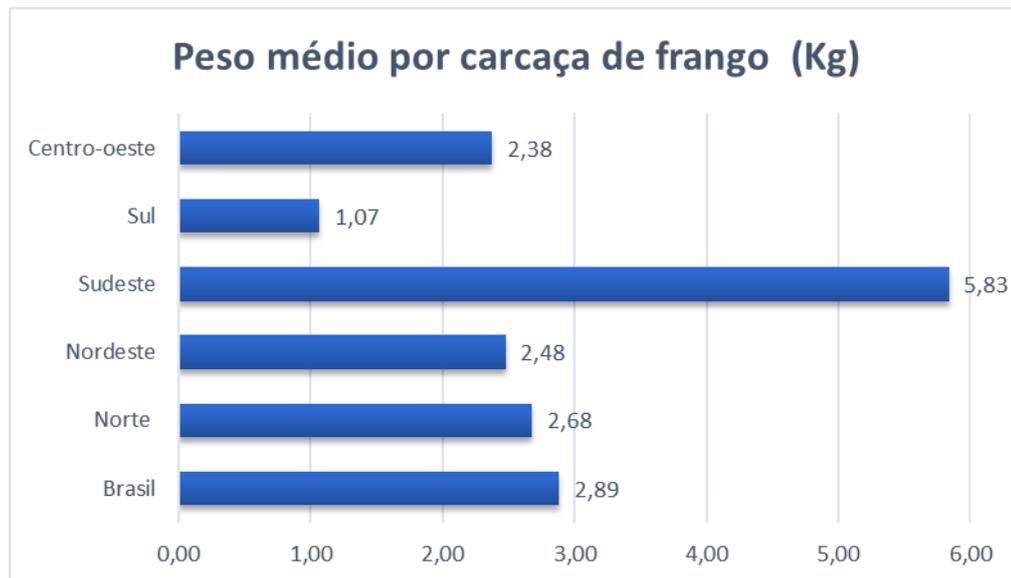


Fonte: SIDRA/IBGE 2018

A região Sul domina também a produção de frangos, e novamente a região Norte apresenta os menores resultados, e o Nordeste em penúltimo lugar com apenas 4% da produção nacional.

Segundo as estatísticas da Embrapa, em 2017, foram produzidas 13,1 milhões de toneladas de carne de frango no Brasil, ocupando o 2º lugar mundial, destas 4,32 milhões de toneladas foram exportadas (1º lugar mundial) com um aumento de 1,7% de produção nacional em relação a 2016, com consumo de 44,8 Kg per capita de carne de frango. A distribuição do peso médio das carcaças no Brasil e regiões encontra-se na Figura 6.

Figura 6 –Peso médio das carcaças de frango no Brasil e regiões



Fonte: SIDRA/IBGE 2018

Quanto ao peso médio das carcaças de frango, a média nacional é de 2,89 Kg, sendo a região Sudeste com o maior peso médio, sendo de 5,83 Kg e o único valor acima da média nacional.

Conclusões

A desenvolvimento da pecuária brasileira ocorre sustentada nas melhorias da qualidade desde a criação dos animais tem forte participação de múltiplos setores da sociedade. Engajados na busca por produtividade, qualidade e sustentabilidade, instituições de ciência e tecnologia, ensino, indústria, associações de produtores, organizações não governamentais, entre outros atores, compõem um grupo extremamente atuante e muitas vezes coordenado, com iniciativas que muito contribuem com incrementos na qualidade dentro e fora da porteira.

No tocante a qualidade da carne, a atividade é cada vez mais estimulada a se atentar às exigências do mercado consumidor, seja pela própria indústria frigorífica, seja pela iniciativa governamental.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Métodos Físico-Químicos para Análise de Alimentos do Instituto Adolfo Lutz, 4^a ed., 2005.

BRASIL, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO GABINETE DO MINISTRO INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 9, DE 4 DE MAIO DE 2004.

BRONDANI, I. L.; SAMPAIO, A. A. M.; RESTLE, J.; BERNARDES, R. A. L. C.; PACHECO, P. S.; FREITAS, A. K.; KUSS, F.; PEIXOTO, F. A. O. Aspectos Quantitativos de Carcaças de Bovinos de Diferentes Raças, alimentados com Diferentes Níveis de Energia. **R. Bras. Zootec.**, v.33, n.4, p.978-988, 2004.

CARVALHO, T, B. **A importância do Brasil na produção mundial de carne bovina** - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA 2018. Disponível em <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniao-cepea/a-importancia-do-brasil-na-producao-mundial-de-carne-bovina.aspx>>. Acesso em 18 de Maio de 2018.

DEPEC – Departamento de Pesquisas Bradesco, **economia em dia**. 2018. Disponível em <<https://www.economiaemdia.com.br/vgn>>. Acesso em 19 de Maio de 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Trimestral do Abate de Animais - 4º trimestre 2017**. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/home/abate/brasil>>. Acesso em 18 de Maio de 2018.

PAULINO, P. V. R.; VALADARES FILHO, S. C.; DETMANN, E.; VALADARES, R. F. D.; FONSECA, M. A.; VÉRAS, R. M. L.; OLIVEIRA, D. M. Desempenho produtivo de bovinos Nelore de diferentes classes sexuais alimentados com dietas contendo dois níveis de oferta de concentrado. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 37, n. 6, p. 1079-1087, 2008.